

JARDIM DE INFÂNCIA DE ST.º AMARO

**ESTÓRIAS
COM ANIMAIS DENTRO**

**O VELHO
QUE ERA MANHOSO**

**Benção do Gado - St.º Amaro
(13 de Maio de 2006)**

INTRODUÇÃO

Estamos em Maio, mês de festas: logo no dia 1, havia que levantar cedo para não deixar entrar o "Burro" (o diabo) em casa; no dia 3 eram as "Capelas à Santa Cruz", que os ranchos de mondadeiras faziam à hora do almoço (era o dia em que começava o horário de Verão, com duas horas para o almoço) e ao fim do dia traziam para a aldeia, para depositar no cruzeiro; e agora é a "Benção do Gado", a festa de St.º António da Trindade.

Juntavam-se ganadeiros, pastores, porqueiros, que traziam os seus gados para obterem protecção para as crias.

Era uma "fé" que se tinha, mas era também uma ocasião para os homens que trabalhavam com o gado se (re)encontrarem – falarem das suas vidas, mas também divertirem-se um pouco, que o trabalho não esperava.

Hoje a vida é diferente: os animais foram substituídos por máquinas no trabalho da terra. A criação de gado realiza-se em moldes diferentes, dispensando-se muita da mão-de-obra outrora existente.

Mudam-se os tempos...

Mas a memória desses tempos ainda está presente, constituindo um passado comum que é o nosso, fazendo parte da nossa identidade.

É dessa identidade que a escola, participa, enquanto instituição que também é local, pois esta está implantada num determinado território humanizado.

Como já vem sendo hábito nos últimos anos, uma das formas de estarmos presentes na festa da "Benção do Gado", é através das "ESTÓRIAS COM ANIMAIS DENTRO".

Mais uma vez, o exemplar que agora vos trazemos, faz parte do espólio que o Joaquim Peças nos deixou.

Esperamos que vos fascine como nos fascinou no Jardim de Infância – crianças e adultos.

St.º Amaro, Maio de 2006

O VELHO QUE ERA MANHOSO

Um velhinho e uma velha, já muito velhinhos, moravam numa aldeia, assim como a nossa.

E tinham uma burra, também já muito velha.

Eles, coitaditos, governavam-se muito mal, tinham pouco dinheiro, e deixaram de dar ração à burra. A burra já não comia quase nada de palha e de ração.

E então o que é que o velho pensou?

- Vou ver se sou capaz de vender a burra.

Diz a mulher:

- Ó homem, estás doido, então como é que há-de vender a burra? Então a burra tem só a pele e os ossos, e já velha, ninguém ta compra.

- Não? Eu vou fazer uma mézinha para vender a burra até por muito dinheiro - ele era muito esperto.

E o que é que o velho fez? Tinha lá uma mão cheia de dinheiro: dez tostões, dois tostões; agarrou neles, misturou com a palha e com a aveia. A burra já há dois dias que não comia, assim que lá caiu a aveia, e o que vinha junto com a aveia, engoliu aquilo que nem mastigava, com a fome que tinha. E engoliu o dinheiro.



No outro dia havia uma feira, e lá vai o meu bom do velho com a burrinha para a feira, com ela à arreata.

Chegou à feira, estava ali parado, passam dois homens, e dizem:

- O que é que este velho para aqui traz esta burra? Ela já não é capaz de abalar daqui.

Diz ele:

- Não? Esta burra tem um dote muito grande.

- Então que dote é que tem a burra?

- Olhem, vocês querem ver?

Deu-lhe um pontapé na barriga e disse:

- Caga burra! - A burra cagou logo uma data de dinheiro.

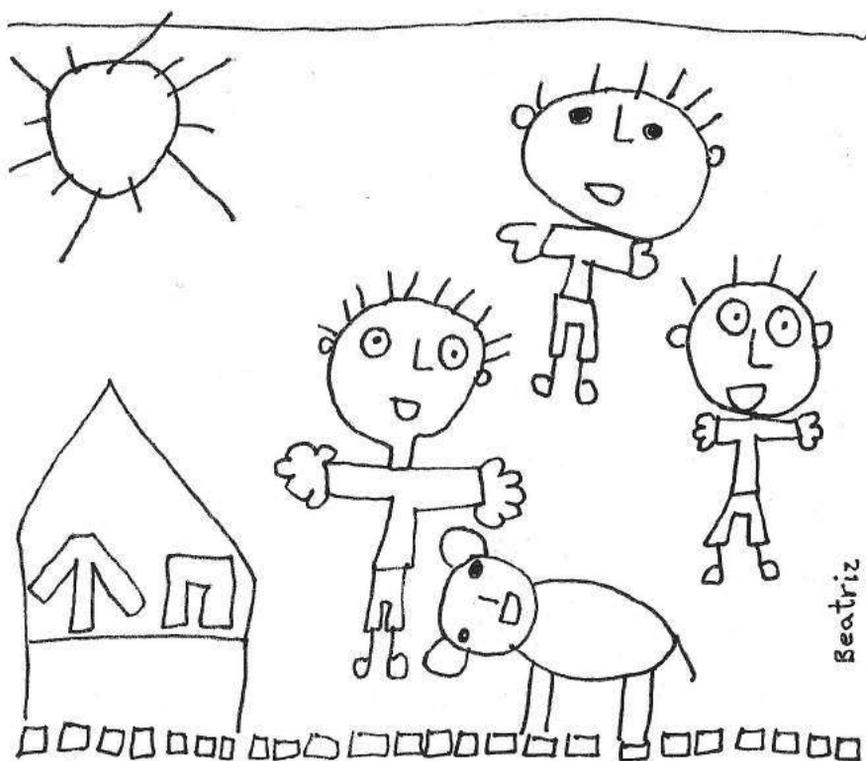
- Eh! Então e você vem vender a burra ?

- Eu tenho já lá uma casa cheia de dinheiro. Cada vez que quero dinheiro, é dar-lhe um pontapé na barriga e dizer isto. Ela larga logo a abarrotar. E agora, tenho lá uma casa quase cheia de dinheiro, venho vendê-la.

- Ora esta! Então isso é verdade?

- Pois é! Quer ver outra vez?

Vai um pontapé, e o dinheiro no chão.



Dizem logo os homens:

- Alto lá! Você quer vender a burra?
- Pois vendo. Então tenho de a vender.
- Então quanto quer pela burra?

Ele pediu muito dinheiro. Disse logo:

- Dez contos ⁽¹⁾.

Os homens não acharam muito. Puxaram do dinheiro, deram ao velho, marcharam com a burra, e o velho marchou logo a caminho de casa.

Chegaram lá a casa, eles eram ali vizinhos, chamaram as mulheres:

- Anda cá ver uma compra que eu fiz, tão boa.
- Então, que compra foi?
- Olha, comprei esta burra.
- Oh! Então compraste uma boa coisa! -

Disseram as mulheres. - Então compras uma burra magrinha, já velha? Se morre, temos trabalho para a tirar ali da quadra...

- Não? Vais ver o que é que ela faz. Queres ver o dote que ela tem?

Dá-lhe um pontapé na barriga da burra, e a burra deita logo umas moedas para o chão. De maneira que as mulheres ficaram todas contentes, de verem o grande negócio que os maridos fizeram.

Tanto pontapé deram, que a burra deixou de dar o dinheiro que tinha engolido. Já não podia dar mais dinheiro fora.

Os homens o que é que fizeram? Mais pontapés na burra, na barriga da burra, e a burra

⁽¹⁾ Em moeda antiga. Na moeda actual corresponde a cinquenta Euros.

já não dava dinheiro nenhum. Já lá não tinha. O que tinha engolido já o tinha deitado todo fora. Olha, deram tantos pontapés na barriga da burra, coitadinha, que a mataram. Mataram a pobre burrinha aos pontapés.

De maneiras que os homens:

- Ah! O velho enganou a gente! Amanhã vamos lá estar com ele, que ele há-de dar o dinheiro à gente, ou damo-lhe a gente uma sova.

O velho, muito esperto, pensou logo:

- Eles agora vêm que aquilo foi um engano, vêm cá para me bater. Mas espera, a gente vamos fazer aqui uma coisa.



O velho tinha lá duas lebrinhas iguais, que tinha apanhado em pequenas e metido num caixote. E diz para a mulher:

- Olha, eu agora vou-me prantar ao fundo da rua, e levo uma lebre dentro da bolsa, debaixo do casaco, e se os homens cá chegarem procuram logo por mim, e tu dizes: - Olhe, o meu marido abalou. Está além para baixo, ali para a praça. E os homens dizem: - Mande-o lá chamar. E tu dizes: - Depressa eu o mando chamar.

- Então e por quem é que o manda lá chamar?

- Por esta lebrinha que aqui tenho.

- Sim? Ela é que o vai chamar?

- Vai sim senhor! É eu largá-la daqui, corre que nem um galgo a correr, para chamar o dono.

- Ora esta.

- Quer ver?

A velha largou a lebre. A lebre começou a ir pela rua abaixo, a correr, o mais possível que podia ser.

E os homens: Eh! Eh! A lebre corre bem.

A lebre chegou lá, passou à roda do velho e foi para o mato, para o campo. O velho tinha lá a outra parecida, viu passar a lebre, assim que viu passar a lebre a fugir, veio logo para casa (com a outra lebre).

Chegou a casa e disse:

- Lebrinha, minha lebrinha, foste-me chamar, minha bela lebrinha, isto é que é uma lebre bem ensinada que eu aqui tenho - fazendo-lhe festas.

Os homens ficaram ... :

- Ora esta! Então as lebres tão bravas e esta foi-o chamar?

- Vai sim senhor. Esta lebre vai chamar o dono seja lá onde for. Nem que eu esteja lá onde estiver.

- Você quer vender a lebre?

- Pois quero.

E assim evita o velho de levar uma sova.

De maneira que o velho vende-lhe a lebre, e abalam os homens muito contentes com a lebrinha na mão.

Chegaram lá à das mulheres:

- Ó mulheres trazemos aqui uma lebre que isto tem uma habilidade enorme. Já escusas de me mandar chamar lá à taberna, e quando eu estou lá no café. Soltas aqui a lebre e dizes-lhe para ela me ir chamar, que ela vai logo ter comigo.



- Sim?

- Pois. Comprei-a ao velho.

- Ora esta?

- Olha, queres ver? Vamos já experimentar. Quando eu chegar ao fundo da rua largas de cá a lebre.

Prantou-se lá ao fundo da rua, e assim que a mulher largou a lebre... eia que lá vai ela. Passou à roda do homem, e nem o viu.

E o homem:

- Lebrinha, lebrinha, anda cá lebrinha que sou o teu dono.

Mas quanto mais ele chamava, mais ela fugia. Veio para casa.

- Então, não sabes? O velho tornou a enganar a gente. Enganou-me com a burra, agora com a lebre... Agora é que não se escapa. Vamos lá, damos-lhe uma sova que o matamos.

O velho, muito esperto, disse assim:

- Agora largam a lebre, e a lebre foge, pois...

E disse para a mulher:

- Vamos indo à rasca com isto. Mas olha: eu vou ali ao açougue, compro uma bexiga de uma ovelha e enchemo-la.

O velho foi, comprou uma bexiga encheu-a de sangue, e disse para a mulher:

- Agora mete-a aí debaixo da saia, na barriga, prantas a bexiga cheia de sangue. Eu, se eles cá vierem, em eles chegando, começo a ralhar contigo, e começamos a discutir, e comesas a ofender-me. Eu dou-te uma navalhada aí no sítio onde tens a bexiga, tu caís para o chão e ficas como morta. Ficas logo como morta, não te

mexes. Que eu depois tenho aqui esta gaita, e quando eu começar a tocar, tu levantas-te e começas a bailar.

Daí a pouco aparecem os dois homens, cada um com o seu pau:

- Então o velho, onde é que está o velho?

- Olhe, está aqui...

- Então você enganou-me com a burra e enganou-me com a lebre. O que é que a gente agora lhe faz? Damos-lhe uma sova que o matamos.

E ele começou:

- Ó mulher dá-me cá isto, dá-me cá aquilo... - zangado com a mulher.

Depois ela respondeu-lhe mal, ele pega na navalha: zás! Uma navalhada ali onde ela tinha a bexiga cheia de sangue. Ora, a mulher caiu para o chão, cheia de sangue, ali pelo chão.

- Ai! Então você matou a mulher por uma coisa tão pouca? Você é que precisava morto, não era a mulherzinha, a velhinha.

- Ah! Não se apoquente. Deixem-se estar tranquilos, não se estejam a apoquentar. Eu tenho aqui uma gaita, em começando a tocar esta gaita, dou vida a toda a gente que está morta.

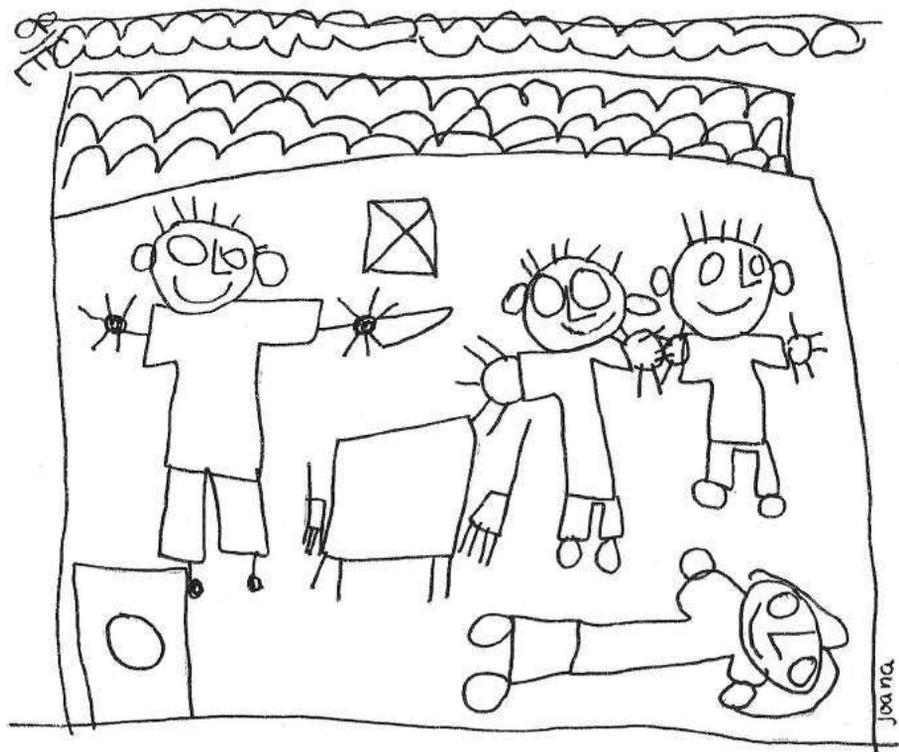
- Sim?

- Pois é. Querem ver? - Puxa pela gaita: tóóó (a tocar). A velha levanta-se e começou logo a bailar.

Os homens:

- Oiça lá, então você quer vender a gaita?

- Pois quero. Para mim já não me faz falta, já estou velho.



Voltou a apanhar outra data de dinheiro pela gaita.

Os homens abalaram todos contentes com a gaita no bolso.

- A primeira coisa, quando chegar a casa, vou discutir com a minha mulher, dou-lhe uma navalhada, e depois toco a gaita para experimentar.

Os homens chegam a casa, um deles, e começa a dizer:

- Olha, mais valia que tivesses o almoço já pronto, e não tens, e isto e aquilo, e o almoço está salgado, deitaste-lhe muito sal, está encruado, está assim, está assado ... - zangado com a

mulher, zás, uma navalhada na barriga, matou-a logo.

Dizem logo os outros:

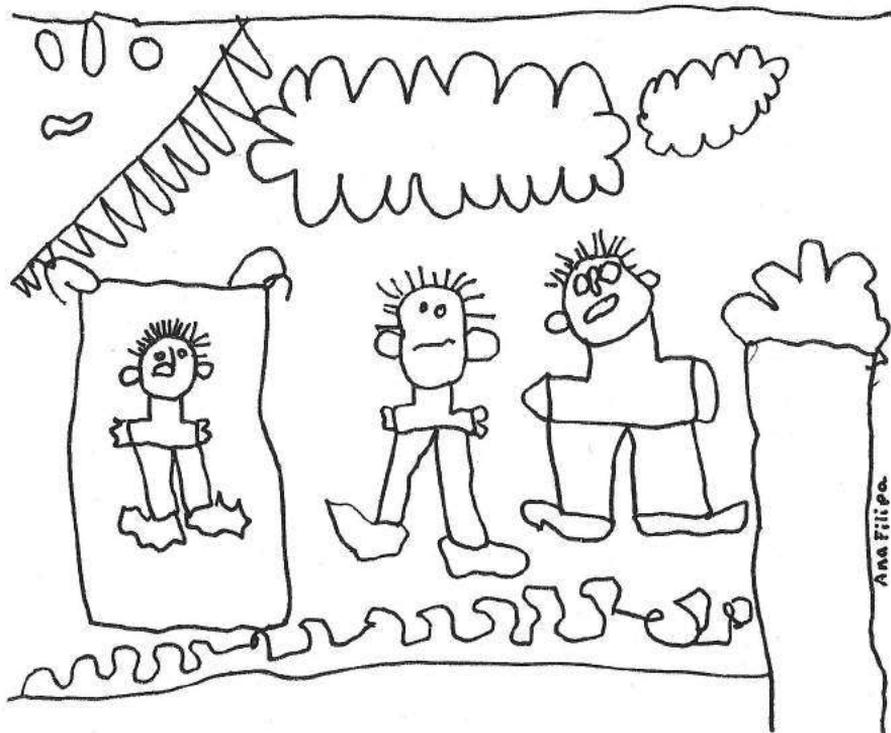
- Então agora ...

- Não tenham cuidado, eu tenho aqui esta gaita, ponho-a logo a bailar.

O homem pranta-se a tocar: from, from, from. Mas ela estava morta de verdade, não se levantou. Ficou morta. No outro dia tiveram que lhe fazer o enterro.

Os homens, o que é que eles decidiram fazer:

- Vamos ver do homem, e onde é que ele estiver, aí é que a gente agarra logo nele,



metemo-lo dentro dum saco, e vamos aventar com ele para a ribeira, para um sítio qualquer e não ouvimos mais palavras nenhuma dele.

Pegaram num daqueles sacos grandes. Chegaram a casa (do velho), bateram à porta, apareceu a velha:

- Então, ó senhor velho, anda a enganar a gente. Sabe agora o que fez? Arranjou que eu matei a minha mulher. Vá já aqui para dentro do saco - nem o deixaram falar -. Agora vamos aventá-lo para a ribeira, que a ribeira vai cheia, para ele abalar por água abaixo e não faz já mal a ninguém.

De maneiras que, saco atado, às costas deles, lá vão eles a caminho da ribeira deitá-lo para a água, para ir água abaixo.

Iam estrada adiante, já perto da ribeira, e vêem um pastor, aí com as ovelhas e dizem assim:

- Deixa lá ver se o pastor abala para não ver a gente a deitar o velho para dentro de água, que a gente amanhã tenha que ser presos.

- Então o que é que fazemos ao velho?

- Metemo-lo aqui nesta carrasqueira.

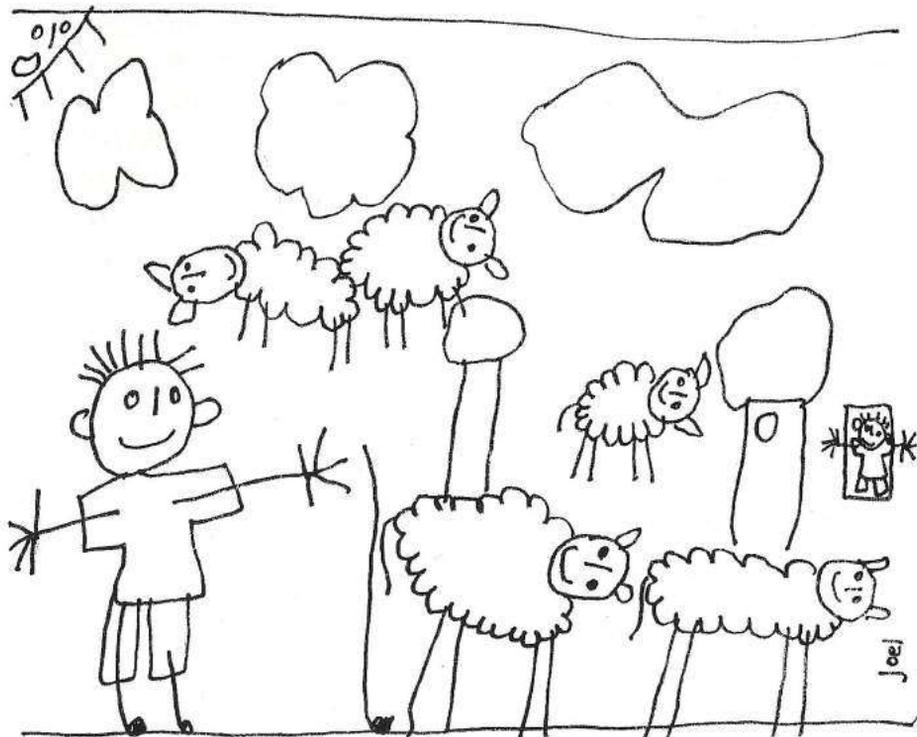
Estavam assim uma data delas, e carrascos, moitas... zás, o velho ali escondido. E eles abalaram para longe.

O pastor vinha na volta com as ovelhas, vinha naquele caminho, e vinha passar onde estava o velho dentro do saco.

O velho ouviu passos, começou:

- Ai, ai, querem levar-me para ser rei e eu não quero! Querem-me levar para para ser rei e eu não quero ir, eu não quero ser rei!

O pastor lá apareceu.



- Eu não quero ir ser rei! Querem-me levar para ser rei e eu não quero! Ai valha-me Deus! - O velho lá dentro do saco.

O pastor foi vindo, chegou ao pé dele:

- Oiça lá! Que está você a dizer?

- Oh! Trouxeram-me aqui dentro deste saco, querem que eu agora vá ser rei, mas eu não quero ser rei. Eu já estou velho, não quero ser rei...

- Ó, mas quero eu!

- Então olhe, meta-se você dentro do saco. Desate-me o saco e meta-se você dentro do saco.

O pastor, coitadito, desatou o saco, o velho saiu do saco. O pastor para dentro do saco, o velho atou o saco, pega no cacheiro e nos alforjes às costas, e toca de guardar as ovelhas. Abalou logo dali o velho. Desviou-se assim um bocado.

Ora, os outros estavam a ver se viam o pastor abalar. Assim que eles viram que o pastor abalava - mas não era, era já o velho - eles vem de cá, pegam no saco (pensando que era o velho), chegaram à ribeira, truz, o saco para dentro de água. A ribeira levava muita água, lá abala o pastor a mergulhar. Dava assim um mergulho, ia ao fundo e vinha ao de cima. E dizem eles:

- Agora é que desfizemos do velho. Já nunca mais engana a gente. Nunca mais. Agora estamos descansados com o velho.

Nisto, voltam para trás, chegam cá mais adiante, e andava o velho a guardar as ovelhas.

- Aquilo é o velho! Mas então como é que ... a gente pregou com ele dentro de água, na ribeira

...

- Ah! Mas é ele é. É o velho.

Chegaram ao pé dele:

- Ó senhor. Então como é que você ... a gente botou-o para dentro da ribeira e você já está aqui?

- Então ... Olhe, arranjei este rebanho todo de ovelhas, lá dentro da ribeira. Este rebanho de ovelhas que aqui estão a ver, estava dentro da ribeira: cada mergulhinho era um carneirinho; cada mergulhão era um carneirão. Olhem, tirei

isto tudo. Vejam lá enquanto eu arranjei aqui um rebanho de ovelhas.

- Eh pá! Há lá tanta ovelha dentro de água como tudo isso?

- Pois há, sim senhor. Tocaram para lá e eu lá vi este rebanho de ovelhas.

- Então, a gente também queria um rebanho de ovelhas.

- Pois bem, metam-se dentro de um saco, desse saco que aí trazem. Eu vou lá botá-los para dentro da ribeira, e vocês tiram um rebanho de ovelhas como eu tirei.

Os homens acreditaram no velho. Meteram-se dentro do saco, o velho atou o saco, aos dois, e lá os empurra para dentro da ribeira.

Ora o pobre dos homens abalaram água abaixo. Nunca mais se soube dos homens. O velho abalou para casa, chegou a casa e disse para a mulher:

- Ó mulher, agora é que estamos descansadinhos que eles já cá não vêm fazer mal à gente. Eu agora despachei-os pela ribeira abaixo.

A esta hora ele ainda lá está, a comer e a beber, cheio de dinheiro ... e acabou.

(contada por: Joaquim Peças – St.º Amaro, Sousel)